

O Paraense e Treze de Maio: sentidos sobre povo do Pará em momentos de transformações¹

BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa²

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos³

SILVA, Camille Nascimento da⁴

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará

Resumo: À luz dos estudos sobre enunciado e enunciação de Eliseo Verón, este trabalho se propôs a observar os enunciados em relação ao povo paraense empregados nos jornais *O Paraense* (1822-1823) e *Treze de Maio* (1840-1862), veiculados na Província do Grão-Pará na primeira metade do século XIX. Para a análise, foram usadas as palavras-chave “paraense”, “Amazônia” e “povo do Pará” na seleção dos textos. Recorreu-se também às contribuições dos historiadores Geraldo Mártires Coelho e Vicente Salles na explicação dos contextos históricos e a sua influência nas enunciações dos dois jornais, que constituíram, em seus enunciados, o povo do Pará de duas maneiras: como um paraense político e como paraense amazônida.⁵

Palavras-chave: Jornalismo; Imprensa; Sentidos; Povo paraense; Século XIX.

Introdução

Este trabalho tem como objeto os primeiros passos da imprensa no Pará e na Amazônia brasileira, com os jornais *O Paraense* (1822-1823) e *Treze de Maio* (1840-1862), dois importantes periódicos que circularam em Belém e fazem parte de períodos marcados por revoluções e jogos políticos que tangenciaram a história do Pará e de seus habitantes. A partir dos conceitos enunciado/enunciação de Eliseo Verón (2004, p. 16) - em que o enunciado encontra-se na ordem do que é dito e a enunciação envolvendo as modalidades do dizer - buscou-se observar, nos textos jornalísticos selecionados, qual(is) imagem(ns) sobre o povo paraense podia(m) ser visualizada(s), uma vez que eles integraram conjunturas sociais e políticas diferenciadas e complementares. *O Paraense*, marcando o surgimento da

¹ Trabalho apresentado na Área 1 - Jornalismo, da Intercom Júnior – VIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Autor, estudante de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, na Universidade Federal do Pará (UFPA), cursando o quinto semestre e bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”. E-mails: jesse.asb@gmail.com, jesse.brigida@ilc.ufpa.br

³ Orientadora e coautora do trabalho. Jornalista, professora da Faculdade de Comunicação, professora e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação, Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA, coordenadora do projeto de pesquisa “A Trajetória da imprensa no Pará”, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mails: netilia@ufpa.br, netiliaseixas@gmail.com

⁴ Coautora, estudante de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, na Universidade Federal do Pará, cursando o sétimo semestre e bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”, millenascimento@yahoo.com.br

⁵ Este artigo está vinculado ao projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”, realizado na Faculdade de Comunicação Social e no Programa de Pós-Graduação Comunicação Cultura e Amazônia, na Universidade Federal do Pará, desde 2012. O projeto visa acompanhar a história da imprensa no Pará, uma das mais antigas do país, com 191 anos de existência e que ainda carece de estudos.

imprensa na então Província do Grão-Pará e na Amazônia brasileira, em um momento pré-Independência do país; o *Treze de Maio*, constituindo-se no jornal de maior expressão e longevidade após a ocorrência do movimento popular Cabanagem (1835-1836) no Pará.

O *corpus* da pesquisa foi selecionado a partir das palavras-chaves “paraense”, “Amazônia” e “povo do Pará”. O jornal *O Paraense* (1822-1823) foi analisado da edição inicial, em 22 de maio, até o dia 19 de outubro de 1822.⁶ Já o *Treze de Maio* está disponível para consulta *online* na Hemeroteca Digital Brasileira (<http://hemerotecadigital.bn.br/>). O *site* possui ferramenta de pesquisa que possibilitou a procura pelas palavras-chaves definidas.

Jornal de maior duração na primeira metade do século XIX na Província do Grão-Pará, o *Treze de Maio* (1840-1862) está disponível para consulta no *site* a partir de 1845. Para completar a pesquisa, foram analisadas as edições de 13 a 31 de maio de 1840 disponíveis na Biblioteca Pública Arthur Vianna, por se constituírem nos números iniciais do periódico.

A explosão da palavra impressa

A imprensa surgiu no Brasil com a chegada da Família Real no ano de 1808, mas presa a uma censura prévia imposta tanto pelo poder civil, como pelo poder eclesiástico (MOREL, 2008). Tal censura chegou a publicar uma lista com títulos de obras que não podiam ser impressas. Segundo Morel (2008), a imprensa, logo no início, se inseriu em uma densa trama de informações.

(...) o surgimento da imprensa periódica no Brasil não se deu num vazio cultural, mas em uma densa trama de relações e formas de transmissão já existentes, na qual a imprensa se inseria. Ou seja, o periodismo pretendia, também, marcar e ordenar uma cena pública que passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos setores da hierarquia da sociedade, em suas dimensões políticas e sociais. A circulação de palavras - faladas, manuscritas ou impressas - não se fechava em fronteiras sociais e perpassava amplos setores da sociedade que se tornaria brasileira, não ficava estanque que um círculo de letrados, embora estes, também tocados por contradições e diferenças, detivessem o poder de produção e leitura direta da imprensa (MOREL, 2008, p. 25).

Em seu processo de implantação no Brasil, a imprensa vai tomando corpo e possibilitando, nos habitantes do país, ideias e reivindicações, acompanhando a formação de opinião pública que servia de palco para as discussões políticas. Nas palavras de Morel

⁶ *O paraense* tem como data de encerramento fevereiro de 1823, porém, as edições após 19 de outubro de 1822 não fazem parte do acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém, Pará.

(2008, p. 33), "a opinião pública remete a um vocabulário político e de uma nova legitimidade nas sociedades ocidentais a partir de meados do século XVIII". E é a esse caráter político que a imprensa em seus primeiros anos se dedica, inclusive *O Paraense*, analisado neste trabalho.

A professora Marialva Barbosa, em seus estudos sobre a história da comunicação no Brasil, indica que no período de 1820 a 1840 acontece no cenário brasileiro a "explosão da palavra impressa". De norte a sul do país se estabelece uma importante rede de comunicação que faz com que a informação circule numa velocidade até então não vista:

A primeira explosão da palavra impressa em território brasileiro, com o aparecimento de numerosos títulos de 1820 a 1840, nas principais províncias, possibilitou, portanto, a construção de uma rede de comunicação que fazia circular as informações, não só aquelas que vinham da Corte, mas também de outras localidades do país. Pelas letras impressas dava-se a ver um vasto território, que aparecia fixado naquelas publicações, sobretudo quando era necessário esclarecer rumores (BARBOSA, 2013, p. 73).

Tais rumores serviam de pano de fundo para confrontos políticos e disseminação de partidos. Nos primeiros anos da imprensa no Brasil, os jornais se dedicavam quase que exclusivamente a assuntos políticos, mas davam também espaço para capítulos de livros, poesias, notícias de outros países, algumas propagandas. Mas, em especial, os jornais se tornaram palco para que segmentos sociais expusessem as suas propostas partidárias, também no Pará.

O Paraense, o primeiro jornal da Província do Grão Pará

A imprensa cresceu no norte do Brasil a partir da revolução constitucionalista de 1820 em Portugal e com o liberalismo vintista. O cenário de revolução fez com que o rei D. João VI voltasse a Lisboa. Mais à frente, em 1821, a corte portuguesa decretou a lei de liberdade de imprensa, o que alcançaria todos os portugueses, tanto da metrópole, quanto das colônias, como o Brasil (COELHO, 2008).

Na Província do Grão Pará, um paraense notável lançou mão dos ideais vintista e da liberdade de expressão para articular, entre outras ações, a criação do que viria a ser o primeiro jornal da Província, que abrangia, naquela ocasião, boa parte do que conhecemos

hoje como Amazônia Brasileira. Esse paraense foi Filipe Alberto Patroni Martins Marciel Parente,⁷ o então fundador de *O Paraense*.

Felipe Alberto Patroni Martins Marciel Parente é o nome pioneiro que marca no Pará colonial de dois séculos, do movimento da adesão à Independência do Brasil, da abolição da escravatura e da instituição da República. Estas as idéias que levaram o jovem Patroni a interromper o seu bacharelato em Direito na Universidade de Coimbra, regressar a Belém e, afrontando as iras do poder absolutista, entregar-se à difusão desses nobres princípios e a eles dedicar a sua vida (BORGES, 1986, p. 66).

Patroni voltou a Belém para trazer à então província as ideias em torno das revoluções que ocorriam na Europa, como explica o professor e historiador Geraldo Mártires Coelho.

O futuro criador de *O Paraense* possuía uma visão de mundo contingenciada pelos valores eleitos pelo liberalismo como inerentes ao homem civil e seus direitos naturais, daí o porquê de o projeto intelectual, mas também a estratégia política de Filipe Patroni no Pará tenham sido reflexivos da sua condição de sujeito de um tempo de rupturas (COELHO, 2008, p. 29).

Esse momento de rupturas foi terra fértil para que, no dia 22 de maio de 1822, Patroni, juntamente com Domingos Simões da Cunha, Baptista da Silva Campos e Daniel Garção, fundassem *O Paraense*. Esse contexto e a proximidade da província a Portugal também são apontados pela professora Netília Seixas em seus estudos sobre os impressos no Pará.

É exatamente nesse contexto que surge *O Paraense*, em 1822, nos ecos da Revolução Constitucional Portuguesa - também chamada de Movimento Vintista -, da liberdade de imprensa e da ligação direta da Província do Grão-Pará a Portugal, o que a colocava em posição política diferenciada em relação às demais províncias do país quanto à Independência do Brasil que se avizinhava (SEIXAS, 2011, p. 228-229).

Filipe Patroni ficou à frente do jornal até sua terceira edição, pois foi “convocado” a voltar a Portugal para retomar os estudos em Diretos em Coimbra. A “convocatória”, em caráter de prisão, foi devido aos seus discursos ardentes em relação à administração provincial que, na visão de Patroni, não dava a devida atenção ao povo paraense. Segundo

⁷ Os autores divergem na grafia do nome de Filipe Patroni. Adotamos, nos nossos estudos, a grafia usada pelo historiador Geraldo Mártires Coelho, da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará.

Ricardo Borges (1986, p. 68), em seus estudos sobre os personagens notáveis na história do Pará, “(...) *O Paraense* empolgou a opinião pública pelo desassombro de Patroni, na crítica aos desacertos e mazelas do Governo; linguagem vibrante contra os erros administrativos, e de defesa e incitamento de liberdade da gente paraense”.

A quarta edição do periódico já circulou sob a responsabilidade de João Batista Campos, sócio-fundador do jornal. Nessa edição, Batista Campos informa sobre a prisão de Patroni e discursa a favor do amigo, mostrando que qualquer ação feita a Patroni seria uma afronta direta ao povo paraense. Esse enunciado valoriza o fundador de *O Paraense* e personifica nele, como “martir”, o povo paraense.

E não foi por esta energia, que o sensato e respeitoso Publico de Lisboa renunciou ao injusto conceito, que até então formara d’Provincia do Pará, d’onde não esperava digna deputação, vendo hum jovem constituído interprete dos sentimentos briosos de um Povo, que julgava assas nascentes. (...) Trata-se agora de fazer mal à hum Paraense, por advogar com energia os interesses do seu paiz natal. (...) Não se fez bem a província em sete meses, e fei-se em mal quatro dias há um paraense (*O Paraense*, 01/06/1822, n. 4, p. 2-3).

Os dados colhidos nesta pesquisa ou de outros autores que estudam o tema não evidenciam se Filipe Patroni era adepto da ideia da Independência do Brasil (COELHO, 1998). Todavia, sob o comando de Batista Campos, as ideias sobre a Independência são mais visíveis (COELHO, 1998). Batista Campos foi um grande nome no que diz respeito a luta pela liberdade de expressão e de imprensa, chegando a ser preso duas vezes e agredido fisicamente. Fugiu para Barcarena⁸ em 1823 (SALLES, 1992; BORGES, 1986), deixando o periódico sob os comandos do Cônego Silvestre Antunes Pereira da Serra. Nesse momento, o Pará sofreu o primeiro atentado contra a liberdade da imprensa. Em fevereiro de 1823, a tipografia de *O Paraense* foi empastelada, os arquivos do jornal foram levados para uma casa no Largo do Palácio e o governador do Estado reutilizou os equipamentos para produzir outro jornal, o *Luso Paraense* (SALLES, 1992; BORGES, 1986).

Chega, então, ao fim a história do primeiro jornal do Pará, mas deixando sementes de revolução no seio da opinião pública, pois muitas das ideias que circularam em *O Paraense* seriam amplamente usadas na revolta dos cabanos,⁹ na década seguinte.

⁸ Localidade próxima a Belém.

⁹ Povos pobres que viviam em cabanas no interior do estado, essa classe era formada por mestiços, negros, índios e caboclos.

Um momento importante entre *O Paraense* e o *Treze de Maio*: a Cabanagem

No dia 7 de setembro de 1822 aconteceu o Grito do Ipiranga, a Independência política do Brasil frente a Portugal, mas, na Província do Grão-Pará, a adesão à independência só ocorreria quase um ano depois, em 11 de agosto de 1823.¹⁰ O que de fato mudaria na capital paraense? De acordo com o pesquisador Vicente Salles (1992), “o Pará se integraria ao Brasil pela adesão à Independência, mas conservaria inalterado o *status quo* colonial”. Ou seja, mesmo dentro dessa importante conjuntura nacional, o Pará (como outras províncias brasileiras) não vivia de fato a dita Independência. A emancipação política e as reformas às estruturas sociais vigentes que a província necessitava não foram atendidas e os episódios não passaram de atos políticos formais (SALLES, 1992).

As contradições sociais ao ponto de saturação. Sucederam-se os vários motins. O Brasil colonial se debelava. Condições especiais em cada região deram colorido local aos pronunciamentos. Não podemos perder de vista o sentido nacional de sua motivação básica, porque nacional era o problema da escravidão, da repressão política, da divisão social, dos desníveis econômicos (SALLES, 1992, p. 130).

Nesse contexto, em várias partes do país aconteceram levantes populares que queriam mudar essa realidade. Foram o caso da Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, da Balaiada, no Maranhão, e da Cabanagem, no Pará. Esses movimentos lutaram em prol de uma verdadeira liberdade em relação ao poder colonial português. Para a análise deste trabalho, é importante ressaltar a influência de *O Paraense* para os ideais cabanos, como também as marcas que essa revolta popular deixou na sociedade paraense, o que mais à frente será visto na análise do jornal *Treze de Maio*.

A Cabanagem explodiu em 1835, com a invasão da cidade de Belém pelos cabanos. Diferente dos outros movimentos no Brasil, a Cabanagem foi o único que chegou ao poder, marcando profundamente a história do Pará. Por muito tempo, a história oficial apresentou os cabanos como arruaceiros, patifes, cruéis. Historiadores recentes, como Salles (1992), destacam a sua importância para a história do Pará.

A Cabanagem exprimiu realmente luta de classes num ambiente que primou durante muito tempo em manter rígidas, tensas e antagônicas as situações de classes. As insinuações para o desvio deste enfoque são inúmeras, porém, ponderáveis, desde mesmo os seus começos. Ele se torna claro à medida em que aprofundamos a análise do movimento e do contexto que abrangeu (SALLES, 1992, p. 140-141).

¹⁰ A data só foi oficializada depois, permanecendo 15 de agosto como o dia oficial de Adesão do Pará à Independência do Brasil, como feriado estadual.

No dia 13 de maio de 1836, Belém foi tomada pelas chamadas “forças legalistas”, sufocando o movimento na capital. Todavia, muitos líderes do movimento conseguiram se refugiar nos interiores do Estado e, de fato, o último foco da Cabanagem só foi vencido no ano de 1840 (BEZERRA NETO, 2001). Na história oficial, o 13 de maio ficou marcado como o fim do movimento da Cabanagem, sendo usado como referência para a criação do jornal *Treze de Maio*.

O *Treze de Maio* e o novo cenário do Pará

O jornal *Treze de Maio* surgiu em 13 de maio de 1840, tendo esse nome em homenagem a entrada das “tropas da legalidade” que, em 1836, sufocaram o movimento dos cabanos na cidade de Belém. O periódico foi um órgão oficioso e noticioso e substituiu o jornal *Folha Comercial do Pará*.¹¹ Inicialmente era bissemanal, sendo publicado na quarta-feira e no sábado. Em primeiro de outubro de 1855 se tornou diário. Foi fundado por Honório José Santos, sendo impresso em tipografia própria localizada na Rua d’Alfama, n.º 15. “Os primeiros tipógrafos auxiliares foram Joaquim, Camillo e Cyrillo, escravos de Honório que os ensinou o ofício” (BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA, 1985, p.30).

O jornal tinha as dimensões 36 cm de altura por 24 cm de largura e, na primeira edição, era composto por seis páginas divididas em duas colunas. Dependendo das notícias, o jornal variava o número de páginas entre quatro e oito. O periódico publicava suplementos que traziam artigos mais longos, de temática variada, como a maioria do Príncipe Regente, ou sobre a Amazônia.

O jornal tinha como “editorias”¹² as seções “Pará – Parte oficial”, “Rio de Janeiro – Parte oficial”, “Assembleia Legislativa Provincial: Tesouraria de Fazenda”, “Movimentos do porto – saída e entrada”, “Expediente do Governo”, “Avisos”, “Preços correntes dos principais gêneros de importação e exportação”, “Editais”, “Notícias”, “Variedades”, “Publicações a Pedido”, “Repartição de polícia” e “Ao público”. Em 1853, o jornal publicou em sua primeira página as fases da lua, indicando o dia da semana e a preamar, no senso comum caboclo indica o melhor momento para a pesca. Também foi nesse ano que as seções “Variedades” e “Folhetim” foram publicadas com maior frequência. Havia também

¹¹ A *Folha Comercial do Pará* (1837-1840) foi o primeiro jornal publicado em Belém após o movimento da Cabanagem, criado por Honório José dos Santos.

¹² A expressão “editorias” aqui é aproximativa, pois, naquela época, a forma de organização dos jornais era diversa da dos jornais contemporâneos.

uma seção dedicada somente a cartas (não podemos afirmar se realmente as cartas eram de leitores) e, nos movimentos do porto, o jornal editava desenhos de embarcações. No ano seguinte, no dia 8 de março, o jornal publicou um suplemento com o título Amasonas, o texto era retirado do jornal *Correio Mercantil* e discutia com maior destaque a importância da região.

As tipologias das notícias mais frequentes encontradas no jornal foram em relação à política e a publicações de leis, o que se justifica pelo caráter oficioso do periódico. O *Treze de Maio* publicou notícias de jornais internacionais como *Times* (Estados Unidos), *Chronicle* (Houston, Texas) e *Sun* (Reino Unido). Encerrou suas atividades em 31 de outubro de 1862,¹³ não estando disponível para consulta a última edição na Biblioteca Pública Arthur Vianna (BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA, 1985, p.30; SEIXAS, 2010).¹⁴

O paraense e seus aspectos

É possível notar que, do ano de 1822, com o início do jornal *O Paraense*, até 1862, com o último número do jornal *Treze de Maio*, tem-se 40 anos de mobilizações políticas e de mudanças na conjuntura social do Brasil e do Pará. Mas não só isso, pois também as mudanças gráficas e de conteúdo dos jornais supracitados são visíveis e mostram os desenvolvimentos técnicos que ocorreram. A partir dos enunciados dos jornais analisados, podemos destacar dois aspectos importantes atribuídos ao povo paraense:

a) O paraense político

No início da imprensa no Pará, *O Paraense* traz em seus enunciados a incitação ao povo paraense quanto à mobilização social, com críticas ferrenhas ao poder provincial. É possível, a partir do próprio enunciado constituído pelo nome do jornal (*O Paraense*) identificar o lugar de fala e a modalidade discursiva que Patroni segue, pois que irá falar não um patriota ou um doutrinário (nomes comuns entre jornais do século XIX), mas, sim, O Paraense. Acentua, assim, que o jornal estava a serviço do povo e que advogava causas relacionadas a sua melhoria de vida.

A junta Provisoria do Governo civil d'esta província, desejando melhorar a sorte do seus Povos, evitando-lhes os males, e

¹³ O *Treze de Maio* foi substituído pelo *Jornal do Pará* (1862-1878) (BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA, 1985, p.52).

¹⁴ Os dados aqui expostos sobre o jornal foram obtidos a partir do mapeamento feito no âmbito projeto de pesquisa “Jornais Paraenses: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX”, apoiado pelo CNPq e coordenado por Seixas (2010).

promovendo-lhes o bem: o conhecendo que o unico meio de chegar á este desejando fim, he o cõsul todo mesmo Povos, necessitando que V. V. Ss. depois de ouvirem por escrito todas as camaras do seu governo hajão de forma, e remover à esta junta hum plano mui circustansiado, e que o mostre o estado a actual d’essa Commarca se tem melhorado, ou decahido, e quães as causas da sua decadencia, qual o seu comercio, e se este se acha em progressivo augmento, ou diminuição, e quaes as causas que influem para esta; o estado em que achão as rendas publicas; e quaes os motivos de have-la; quaes são os males que em geral pesão sobre os seus Habitantesm e os meios de remove-los; e os de promover à sua felicidade espera esta junta que V. Ss. dem à este negocio a maior actividade, a fim de poder levar o seu resultado à presença do Soberano, e Augusto congresso Nacional (O Paraense, 26/06/1822, p. 1, n. 10).

No enunciado citado percebe-se a crítica ao poder provincial, explicitando o desconhecimento da Junta Provisória em relação à província, pois os governantes não tinham noção do que era a dinâmica econômica local.

Na enunciação do jornal, abaixo, o povo constitui-se nos habitantes do “Monarca dos Rios” (o Rio Amazonas), criando um efeito de sentido de povo grandioso, patriota e obediente à coroa, seja a coroa do rio que os sustentava, seja a do rei de Portugal: uma ligação direta entre o poder do Amazonas e o poder do rei de Portugal. Com o elogio do povo paraense, a enunciação jornalística destaca também um efeito contrário, o de quanto esse povo, naquele momento, passava por um período de esquecimento diante do poder público. Mostra nas letras as dores do povo e, mais uma vez, traz à luz as carências das quais o povo estava padecendo pela falta de assistência.

Males de toda a natureza, oppri mindo-nos concideravelmente, adormentarão nosso brio; e as virtudes patrioticas, que fasem o caracter nativo dos habitantes do Monarca dos Rios, servirão de Judibrio ás circunstancias, filhas da falta de ganrantia, que se deo aos nossos diretos (O Paraense, 22/05/1822, p. 3, ed. 1).

Já no caso do *Treze de Maio*, o nome do jornal e o seu texto inicial de apresentação (ver fragmento abaixo) constituem-se como enunciados de uma enunciação que estabelece um discurso de negação do movimento da Cabanagem, ao mesmo tempo que valoriza a classe que retorna ao poder.

Nem um titulo nos parece mais adequado de que o de = TREZE DE MAIO = d’sse dia memoravel nos faustos da historia em que a Legalidade conseguiu trienfar dos desastrozos feitos e negos planos

da rebeldia, a poderando-se da capital da província (Treze de Maio, 13/05/1840, n. 1, ano. 1, p. 1).

Esse enunciado é posto da mesma forma e com as mesmas palavras na edição 675, no dia 28 de novembro de 1846, seguindo um padrão. O jornal mantém viva na memória do seu público leitor a importância de uma determinada legalidade, diferente daquela da Cabanagem, e que somente a ordem poderia sustentar a nação.

Por meio do seu discurso jornalístico, o jornal *Treze de Maio*, a partir dos fatos relatados, nas informações registradas e referentes à Cabanagem, apresenta o seu caráter ideológico, materializando-se num sentido de referência negativa ao movimento e aos participantes dele (SEIXAS; SILVA; PAULA; FERNANDES, 2011, p. 9).

Como o jornal *Treze de Maio* era alinhado com o governo da Província, sempre fala bem dos governantes e das decisões tomadas pelo Império. Acentua, também, a necessidade de obediência do povo diante das autoridades.

Assim sendo, os dois jornais deixam claro que o verdadeiro paraense deveria se preocupar com a política e com a ordem da cidade e sempre estar atento ao poder que o rei, como soberano, possui. A luta de *O Paraense* era contra o poder providencial, em harmonia com a coroa de Portugal. Já a luta do *Treze de Maio* foi contra a desordem deixada pela Cabanagem, e, assim como *O Paraense*, busca a harmonia, mas, agora, com a Coroa brasileira e ao lado do governo da Província.

b) O paraense amazônida

Outro aspecto em relação ao povo paraense, observado na pesquisa, foi o caráter de morador da Amazônia que os jornais se dedicaram a divulgar e estabelecer entre os leitores. Os dois periódicos publicaram, com frequência, notícias relacionadas às questões que envolviam a região e seus habitantes. No jornal *O Paraense*, a região já era vista como plena de riquezas naturais, não sendo justas as condições de pobreza pelas quais o povo passava.

A Província do Pará sendo huma das mais ricas, e abundantes de todo o Brazil em produçoens vegetaes, e mineraes, que [ilegível] meios bem faceis, e conducentes para seu maior aumento, fertilidade, e opulencia, tem sido pelo contrario a mais infeliz, e mais indigente pelo descuido, e desmasello [ilegível], à quem estavam confiadas as redes as do seu governo: Mas vendo eu [ilegível], que as raises do despotismo estavam já

bem aprofundadas, e quasi possuidoras dos nossos Corações, e que estas não com facilidade se podem arrancar, he justo por tanto, que não atribuamos aos nossos benemérito Governos a causa de alguns males que ainda por hum triste lance de desgraça vagueião entre nós, mas como he permitido a todo o Cidadão fallar, e dar para maior bem da sua Patria, e dos seus conterraneos aquellas intruções, que parecem rasoaveis, e dignas de alguma aceitação, eu ouso produsir as seguintes reflexoens, quasi contragido pelos diciames da minha consciencia (O Paraense, 10/07/1822, n. 15, p.3).

Muitas palavras nesse fragmento não puderam ser identificadas, mas ele é interessante para vermos o discurso que já havia sobre a região e sobre suas riquezas, vegetais e minerais, e, também, sobre o descaso do poder público. Discursos ancestrais que, se olharmos para a atualidade, são releituras recorrentes e que se repetem indefinidamente por diversos sujeitos sociais.

O Treze de Maio também foi exemplo da repetição desse discurso em relação à Amazônia, reproduzindo uma fala como sendo um local inóspito, mas que ainda tem muito a ser descoberto, devendo suas riquezas, de toda a natureza, serem exploradas.

Niguem póde negar que a terra paga avultadissimamente, mais talvez que em qualquer outra parte do mundo, o trabalho da cultura de certas espécies vegetaes. Existe admiravel abundancia de productos precisosos para a industria, para as artes, para os usos de medicina (Treze de Maio, 08/04/1854, ano. 14, n. 315, Suplemento, p. 2).

A natureza continua sendo vista como fonte de riquezas e de prosperidade, como o foi também em *O Paraense*. Ou seja, o discurso de um local rico e fausto se perpetua nos enunciados dos dois jornais.

A grande e esperançosa provincia do Pará reclama seu direito engradecimento e progressiva prosperidade de suas imensas naturaes riquezas, e do seio do seu abençoado solo (...) e a política de conciliação e tolerancia que preside á sabedoria do actual gabinete, dando a divida importancia ao merito do cidadão patriota, reconpensará os bons serviços do *prelado metropolitano*, chamando-o pelos suffragios do brioso povo paraense ao centro do governo representativo do imperio (Treze de Maio, 13/06/1854, ano 15, n. 354., p. 2).

No enunciado acima, o povo foi considerado “brioso” e “centro do governo representativo do império”. O jornal reivindica uma melhor posição para o povo

paraense a partir das riquezas que existem na região e da obediência que esse povo vinha mostrando ao poder provincial e ao imperador.

Nos dois jornais, o paraense é apresentado como um povo obediente à Coroa, morador de uma região rica, mas que padece, ainda, por não ter os seus direitos alcançados. Nos dois jornais, o povo paraense é valorizado e apresentado como à margem das decisões políticas para a região, merecendo ter maior participação.

Considerações finais (sem final)

A pesquisa apontou as mudanças gráficas e de conteúdo dos jornais *O Paraense* e *Treze de Maio*. Os jornais, sendo do mesmo século, evidenciam o avanço da imprensa em apenas 40 anos, pequeno tempo, se comparados aos 191 anos que a imprensa do Pará possui hoje.

A análise dos dois jornais levou em conta a contextualização histórica dos eventos em que cada periódico estava inserido: *O Paraense* (1822-1823), nas rupturas ideológicas da época, com a explosão da palavra impressa no Brasil, buscava o reconhecimento do povo paraense junto à Coroa portuguesa e a conquista de seus direitos junto à administração provincial. Filipe Patroni, como opositor do poder provincial, plantou as primeiras sementes do que mais à frente seria conhecida como Cabanagem. Esse movimento mudou e mexeu com as estruturas da Província do Grão-Pará, com a necessidade de reorganização pelo poder provincial para integrar o novo Estado Nação que se constituía após a Independência do país. Nessa conjuntura social, apareceu o *Treze de Maio* (1840-1862), que, diferente do antecessor, tinha caráter mais oficial e buscava a unidade com o Império brasileiro.

A partir da análise dos enunciados dos dois jornais, foram encontrados dois aspectos importantes em relação ao povo paraense: seu caráter político e amazônica. Os jornais diferem no que diz respeito ao caráter político, pois *O Paraense* falou sobre a realidade do povo e o convocou a se mobilizar, não contra a coroa portuguesa, mas contra administradores provinciais que não atendiam as necessidades da região. Já o *Treze de Maio* era totalmente ligado ao poder tanto, do Império brasileiro, quanto da administração da Província do Grão-Pará. Alinhado ao poder oficial, o periódico primou pela reconquista da ordem que, na visão do jornal, foi perdida durante a Cabanagem.

Quanto ao caráter amazônica do povo paraense, os dois jornais têm o mesmo discurso em seus enunciados, fazendo referência direta ao abandono de um povo que tem

tudo para ser grande nação, mas é esquecido e à margem das decisões políticas do estado nacional. Mas, em *O Paraense*, a fala é de confronto; em *Treze de Maio*, a fala é de pedido, mais subserviente em relação ao poder central do país. Nesses enunciados, percebe-se um discurso que ultrapassará séculos e até os dias atuais continua sendo reproduzido: o discurso de uma região cheia de riquezas.

Referência bibliográficas

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BEZERRA NETO, José Maia. A Cabanagem: a Revolução no Pará. In: ALVES FILHO, Armando et al (Orgs.). **Pontos de História da Amazônia**. 3 ed. Belém: Paka-Tatu, 2001, p.73 – 102.

BORGES, Ricardo. **Vultos notáveis do Pará**. Belém: CEJUP, 1986.

COELHO, Geraldo Mártires. O surgimento da imprensa no Pará. In: **Revista Pará Zero Zero: imprensa, idéias e poder**. Publicação bissetimaneal da Editora Resistência, Ano II, nº 5, Agost./Set. 2008, p. 22 – 39.

MOREL, Marcos. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23 – 44.

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem**. Belém: CEJUP, 1992.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Jornais Paraoaras: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX**. Projeto de pesquisa. CNPq Edital MCT/CNPq/ MEC/CAPES N.º 02/2010. Pará: UFPA, 2010.

_____. Panorama da imprensa em Belém: os jornais de 1822 a 1860. In: FILHO, Otacílio Amaral; LIMA, Regina Lúcia Alves de; MALCHER, Maria Ataíde; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos (orgs.). **Comunicação midiaticizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011, p.225-248.

_____. SILVA, Camille Nascimento; PAULA, Julieth Corrêa; FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula. O "triunfo da legalidade": Cabanagem e discurso no jornal Treze de Maio. In: MONTEIRO, Gilson Vieira; ABBUD, Maria Emília de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitoza (Orgs.). **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na Comunicação**. 1 ed. Manaus: UFAM, 2011, p. 269-283.

VERÓN, Eliseo. Quando dizer é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita. In: **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo (RS): UNISINOS, 2004, p. 315-338.